

# Atos discursivos interativos nas variedades do português falado

(Interactive discourse acts in spoken Portuguese varieties)

Michel Gustavo Fontes<sup>1</sup>, Erotilde Goreti Pezatti<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup>Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – campus de São José do Rio Preto

michelfontes2002@yahoo.com.br, pezatti@ibilce.unesp.br

**Abstract:** This paper aims to analyze and to characterize the structure of some linguistic expressions that, in the view of Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), are called Interactive Acts because they show the Speaker, the Addressee and the Illocution positions filled in. To do so, we analyse data composed of representative texts of Portuguese spoken in Portugal, in Brazil, in African countries (those that have Portuguese as official language) and in East Timor.

**Keywords:** functional discourse grammar; interpersonal level; interactive discourse acts; discourse markers.

**Resumo:** Este artigo objetiva analisar e caracterizar, no português falado, as estruturas linguísticas que, do ponto de vista da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), denominam-se Atos Discursivos Interativos, já que têm preenchidas as posições para Ilocução, Falante e Destinatário. Para tanto, utilizam-se, como material de análise, textos representativos da língua portuguesa falada em Portugal, no Brasil, nos países africanos de língua oficial portuguesa e no Timor Leste.

**Palavras-chave:** gramática discursivo-funcional; nível interpessoal; atos discursivos interativos; marcadores discursivos.

## Introdução

Sendo um modelo gramatical concebido segundo os princípios de uma perspectiva funcional da linguagem, o objetivo geral da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) é descrever e explicar uma língua natural de uma forma pragmática e psicologicamente adequada, quer dizer, a GDF pretende ser um modelo de descrição linguística que explica o uso da língua, considerando seus objetivos comunicativos na interação verbal e o processamento mental envolvido na interpretação e na produção de expressões linguísticas. Em síntese, a GDF captura as propriedades formais das unidades linguísticas e as descreve em termos da intenção comunicativa em que são produzidas.

Proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF provoca, sem desconsiderar a Gramática Funcional (doravante GF) de Dik (1997a; 1997b), mudanças significativas na determinação das unidades de análises linguísticas, já que propõe a expansão de uma gramática da sentença para uma gramática do discurso. Esse direcionamento para o discurso presente na GDF está ligado ao fato de diversos fenômenos só serem explicados quando se toma como parâmetro de análise questões e unidades mais discursivas do que sentenciais: por um lado, muitos fenômenos só são explicados em relação a unidades maiores que a sentença; por outro lado, a análise de

unidades não-oracionais ou menores que a oração só é viável quando se desenvolve uma gramática orientada para o discurso.

Mackenzie (1998), ao estudar as holófrases, reconhece que, no processo de interação verbal, há diversas unidades que são marcadamente menores que os exemplos de expressões linguísticas comumente trabalhados pelas descrições gramaticais. Expressões holofrásticas, como cumprimentos, agradecimentos, respostas curtas e outros constituintes extraoracionais, configuram fatos linguísticos instigadores de uma expansão da perspectiva de análise gramatical: da sentença para o discurso. Além disso, marcadores discursivos (doravante MDs), cadeias anafóricas, construções de *tail-head* e interjeições<sup>1</sup> são outros exemplos de fenômenos que necessitam de uma abordagem discursiva da gramática.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 04), com base em Mackenzie (1998), mostram a necessidade de um modelo gramatical orientado para o discurso, considerando os seguintes exemplos:

- (01) a. (What are you eating?) A donut.  
b. (O que você está comendo?) Uma rosquinha.
- (02) a. Congratulations!  
b. Parabéns!
- (03) a. Oh John!  
b. Ah João!

A resposta curta em (01), a exclamação em (02) e a expressão vocativa em (03) estruturam-se como formas não-oracionais. Entretanto, se tomados dentro de um contexto discursivo apropriado, são exemplos de contribuições completas e estruturalmente bem formadas para o avanço da interação. Esses exemplos não são considerados como “unidades menores que a oração”, mas sim como unidades não-oracionais, formuladas a partir das intenções comunicativas do falante. Dessa forma, a unidade básica de análise assumida pela GDF é o Ato Discursivo.

Definidos como as menores unidades linguísticas do comportamento comunicativo, os Atos Discursivos são constituídos de no máximo quatro componentes – uma Ilocução (ILL), um Falante ((P)<sub>S</sub>), um Destinatário ((P)<sub>A</sub>) e um Conteúdo Comunicado (C)<sub>1</sub> –; a partir desses componentes, podem ser distinguidos três diferentes *frames* para os Atos discursivos:

- (04) (A<sub>1</sub>: [F<sub>1</sub>: ♦ (F<sub>1</sub>)] (P<sub>1</sub>)<sub>S</sub>] (A<sub>1</sub>)), para atos expressivos;<sup>2</sup>
- (05) (A<sub>1</sub>: [(F<sub>1</sub>: ♦ (F<sub>1</sub>) (P<sub>1</sub>)<sub>S</sub>] (P<sub>2</sub>)<sub>A</sub>] (A<sub>1</sub>)), para atos interativos;
- (06) (A<sub>1</sub>: [(F<sub>1</sub>: ♦/ILL (F<sub>1</sub>)](P<sub>1</sub>)<sub>S</sub> (P<sub>2</sub>)<sub>A</sub> (C<sub>1</sub>)] (A<sub>1</sub>)), para atos de conteúdo.

Enquanto os Atos Expressivos e os Atos de Conteúdo estão subordinados, respectivamente, à transmissão de emoções e de informações pragmático-semânticas, os Atos Interativos são os responsáveis pela manutenção da interação verbal, ou seja, subordinam-se a um uso interacional. Precisamente, os Atos Interativos constituem pistas

<sup>1</sup> Para um tratamento das interjeições na abordagem da GDF, conferir Fontes (2010).

<sup>2</sup> Para uma caracterização dos atos expressivos, conferir Fontes (2010).

linguísticas da presença dos interlocutores e de sua relação comunicativa na interação verbal. Dessa forma, aos Atos Interativos, cabe a manutenção do canal interlocutivo estabelecido entre os enunciadores, o que nos leva a enxergar, no uso de tais elementos, uma constante busca, por parte do Falante (aquele que toma o ato enunciativo para si), do Destinatário (aquele a quem se dirige o ato). Em outras palavras, os Atos Interativos envolvem-se numa estratégia do Falante para chamar a atenção do Destinatário. É essa propriedade que faz com que os atos interativos se caracterizem como nitidamente orientados para o Destinatário, ou para a interação entre Falante e Destinatário, propriedade que exemplarmente demonstra o aspecto interacional desse ato. Assim, sendo categorias de ampla influência na organização da interação e na indicação da busca de atenção do Destinatário pelo Falante, os Atos Interativos requerem uma análise gramatical que tome o discurso como ponto norteador, fato que indubitavelmente explica a expansão da GF para a GDF.

Este estudo, portanto, toma como objeto de análise os Atos Interativos produzidos ao longo de textos orais de língua portuguesa. Para tanto, adota como material de análise dados reais de uso do português europeu, brasileiro, africano e timorense que integram o *corpus* organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Nosso foco está, como se pode ver, em elementos que desempenham funções interativas, que configuram mecanismos de construção do texto e da interação. Nossa visão de texto, então, alinha-se a uma abordagem sociocognitiva e funcional da linguagem, considerando o texto

resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social. (KOCH, 2007, p. 26)

A proposta é, então, investigar os Atos Interativos, representados em (05), no português falado, com o objetivo de mostrar que muitas expressões linguísticas comumente usadas no processo de interação verbal e, algumas vezes, tratadas na literatura linguística como MDs constituem, na verdade, Atos discursivos.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 77), assim como os Atos Expressivos, os Atos Interativos são geralmente expressos por meio de elementos lexicais e estão disponíveis para um conjunto restrito de situações. Com a expressão “conjunto restrito de situações”, os autores se referem aos contextos em que o Falante direciona seu discurso para o Destinatário, ou seja, contextos em que há a presença concomitante e clara de Falante e Destinatário. Os elementos lexicais que podem constituir Atos Interativos em português são exemplificados em (07), (08), (09), (10) e (11).<sup>3</sup> Como se observa, é uma classe heterogênea, que envolve desde cumprimentos, respostas curtas e vocativos até alguns MDs.

- (07) L<sub>1</sub>: **boa tarde!**  
L<sub>2</sub>: **viva**, dona Conceição! (PT97:TrabalhoPosseTerra)

<sup>3</sup> Estes exemplos são representativos do português falado nos vários países cuja língua oficial é o português. Ao final de cada exemplo, há a indicação de sua fonte entre parênteses, com a sigla do país representado, o ano do documento e o título do texto. A seguir, dispõe-se a correspondência entre siglas e países: Bra: Brasil; PT: Portugal; Ang: Angola; CV: Cabo Verde; GB: Guiné-Bissau; Moç: Moçambique; To-Pr: São Tomé e Príncipe; TL: Timor Leste.

- (08) L<sub>1</sub>: mas não acha que agora dá mais apoio, se calhar, que os irmãos, não?  
 L<sub>2</sub>: sim! agora está aqui  
 L<sub>1</sub>: **ah!**  
 L<sub>2</sub>: na, mora aqui pegado mesmo  
 L<sub>1</sub>: **hum, hum.** (PT95: JuventudeOntemHoje)
- (09) L<sub>1</sub>: o senhor não se importaria se ela trabalhasse?  
 L<sub>2</sub>: **olha**, eu acho que é, se ela fosse trabalhar fora, ela teria que ganhar muito dinheiro. (Bras80: CriarFilhos)
- (10) L<sub>1</sub>: Toni, como é que era este trabalho, vocês saíam às noites, iam ao encontro dos grupos de meninos de rua, meninas de rua, também, **não é**, (Ang97: Meninos de Rua)
- (11) - eh, **ó padre Francisco**, há aí um, um ponto que de facto, eh, a mim surge-me, pessoalmente, algumas dúvidas: havia alguns casos em que a língua portuguesa era ensinada como língua materna? portanto, eu digo, antigamente, ou o português era aprendido mais tarde como língua estrangeira? (TL99: Regras)

O texto encontra-se estruturado da seguinte maneira. A noção de Ato Interativo, conforme tratado pela GDF, é abordada na primeira seção. A segunda seção trata dos Atos Interativos no português, sendo então subdividida em *Formas de monitoramento da interação* e *Formas de execução do discurso*. A terceira e última seção apresenta as considerações finais.

## Os Atos Interativos na GDF

De forma bastante resumida, a GDF é uma abordagem funcional-tipológica da linguagem que:

- i. constitui-se como o Componente Gramatical de um modelo de um usuário de língua natural ligado a um Componente Conceitual, a um Componente Contextual e a um Componente Articulatorio;
- ii. tem como unidade básica de análise atos discursivos e, assim, configura-se como uma gramática do discurso capaz de lidar com unidades maiores ou menores que a oração;
- iii. introduz quatro níveis de análise independentes e organizados hierarquicamente: Nível Interpessoal, Nível Representacional, Nível Morfosintático e Nível Fonológico;
- iv. opera de cima para baixo (organização *top-down*): as intenções comunicativas de um falante são processadas em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística, ou seja, o falante primeiro decide um propósito comunicativo, seleciona a informação mais adequada para alcançar seu propósito, codifica, então, esta informação gramaticalmente e fonologicamente, e, por fim, progride para a articulação;
- v. estrutura cada nível de análise em camadas hierarquicamente organizadas.

Apesar da adoção de um modelo gramatical organizado a partir de quatro níveis, um estudo sobre os Atos Interativos, que procura refletir sobre seu funcionamento no discurso, fixará sua atenção nos aspectos pertencentes ao Nível Interpessoal e, mais es-

pecificamente, às camadas do *Move* e do *Ato discursivo*. Isso se explica à medida que os Atos Interativos apresentam somente uma *Ilocução* e a posição de Falante, não apresentando expressão morfossintática, conteúdo semântico e Conteúdo Comunicado. Dessa forma, assim como os Atos Expressivos (cf. FONTES, 2010), os Atos Interativos, a partir da operação de formulação, são enviados diretamente do Nível Interpessoal para o Nível Fonológico, passando pela codificação fonológica, sem receber qualquer representação no nível Morfossintático, conforme demonstram as flechas em negrito na figura 01.

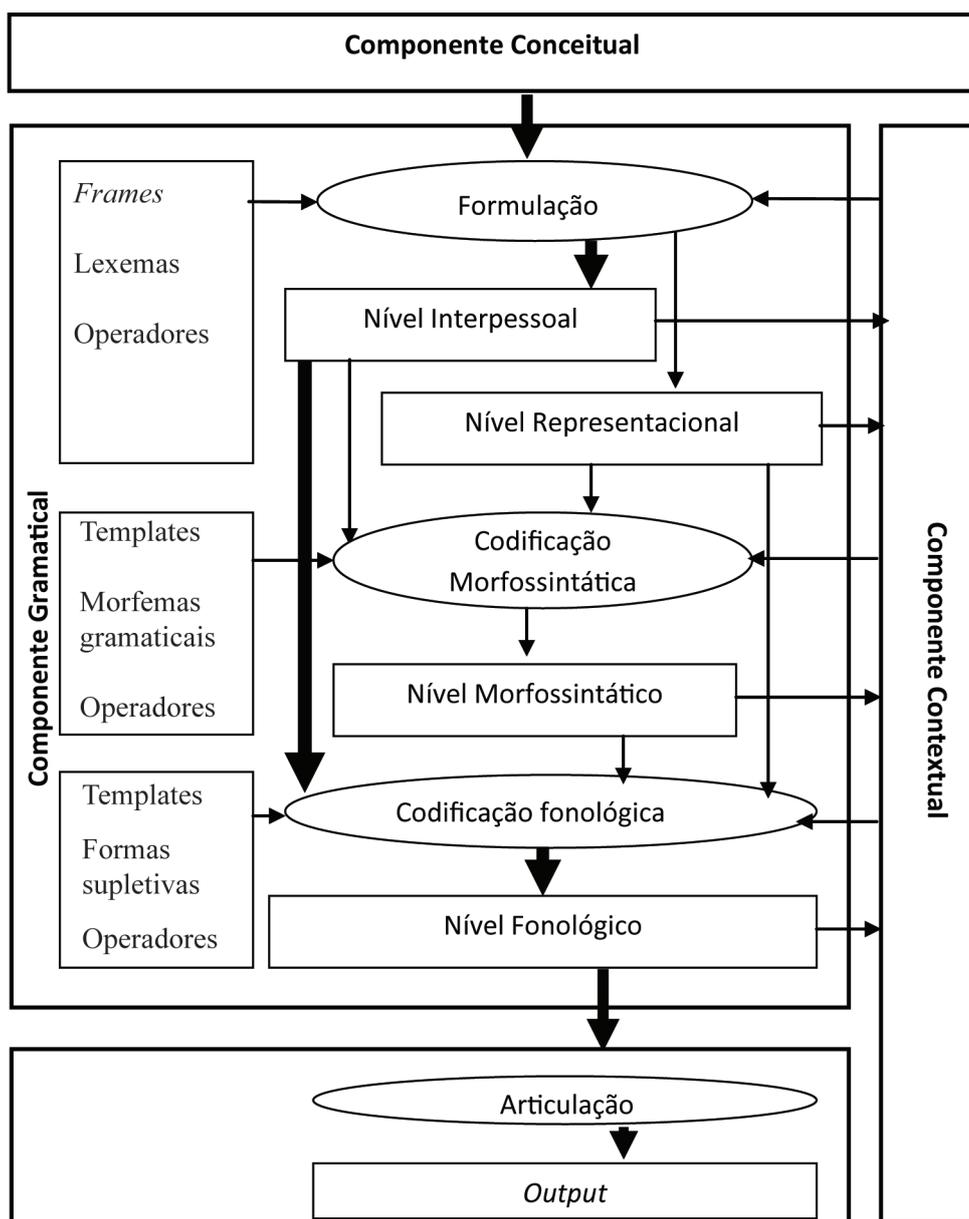


Figura 01: Percurso dos atos interativos dentro da GDF

O Nível Interpessoal trata dos aspectos formais que refletem o papel de uma unidade linguística dentro da interação. Na interação, cada participante tem um objetivo em mente e é esse objetivo que determina as estratégias adotadas pelo Falante na obtenção de um propósito comunicativo em relação ao Destinatário. Nesse percurso interacional, o alcance dos objetivos do Falante envolverá dispêndio de energia resultante de uma série

de ações governadas por uma estratégia global que considera os propósitos e as intenções do Destinatário.

A camada mais alta dentro da hierarquia do Nível Interpessoal é o *Move* (M), que pode conter um ou mais *Ato discursivo* (A). Um Ato é organizado levando em conta uma *Força ilocucionária* (F) que combina o ato de fala dos participantes (F e D) e o *Conteúdo comunicado* (C) evocado por F. O Conteúdo comunicado pode conter *Subatos de Atribuição* (T) e de *Referência* (R). Em (12), encontra-se a estrutura hierárquica do Nível Interpessoal:

$$(12) \quad (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_F (P_2)_D (C_1: [(T_1)_{\{\Phi\}} \dots (T_{1+N})_{\{\Phi\}}] (R_1)_{\{\Phi\}}] (C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{\Phi\}}] (M_1))$$

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), um *Move* pode ser definido como uma contribuição autônoma para o avanço da interação ou, além disso, como uma reação, já que tem um efeito perlocucionário. Enquanto o ato pode provocar uma conversação (*backchannel*), ou seja, uma resposta que encoraje o Falante a continuar a interação, somente o *Move* pode provocar uma reação por parte do interlocutor. O *Move*, dessa forma, associa-se a uma ação dentro da interação.

O *Move*, na verdade, corresponde a contribuições para a interação que podem tanto exigir uma reação como ser a própria reação. Desta forma, nos termos de Hengeveld (2004), o *Move* é o veículo de expressão de uma simples intenção comunicativa do falante e, nos termos de Kroon (1995, p. 66 apud HENGEVELD, 2004, p. 05), uma unidade discursiva mínima e livre capaz de entrar em uma estrutura de troca.

Kroon (1997, p. 19-20), seguindo Sinclair e Coulthard (1975 apud KROON, 1997), reconhece cinco diferentes tipos de unidades comunicativas dispostas numa escala crescente de complexidade: *ato*, *move*, *troca*, *transação* e *interação*.<sup>4</sup> *Interações*, para a autora, geralmente se constituem de uma ou mais *transações*, ou seja, a *interação* se constitui a partir de variadas *negociações* (ou *transações*) de turnos entre os seus participantes. Por sua vez, cada *transação* (ou *negociação*) pode ser analisada a partir de um número restrito de *moves*, de iniciação ou de reação, os quais são compostos de um ou mais *atos*. Kroon (1997) define o *move* como uma unidade discursiva livre capaz de situar-se em uma *transação*; dessa forma, o *move*, ao contrário do *ato*, não pode ser definido apenas por conter uma unidade comunicativa, mas também por conter uma unidade temática. Essas duas propriedades são muito importantes na identificação dos segmentos discursivos que compõem o *move*: enquanto ação dentro da interação, ou seja, uma contribuição autônoma para o avanço da interação, o *move* apresenta uma unidade comunicativa e, por apresentar uma unidade temática, os demais atos que o compõem devem estar relacionados de forma temática, ou seja, ordenados seguindo uma coerência temática interna.

O núcleo de um *Move* pode ser um único Ato discursivo, como acontece em (13), exemplo em que tanto os *Moves* de  $L_1$  como de  $L_2$  constituem-se de um único Ato, ou mais de um Ato, como acontece no *move* de  $L_2$  em (14) e no exemplo (15).

- (13)  $L_1$ : e você lembra alguma festa na escola?  
 $L_2$ : esse ano?  
 $L_1$ : que aconteceu assim de bom?  
 $L_2$ : lembro sim. (Bras93: FestaEstudante)

<sup>4</sup> No inglês, teríamos: *act*, *move*, *exchange*, *transaction* e *interaction*.

- (14) L<sub>1</sub>: vocês nunca entraram lá?  
 L<sub>2</sub>: [a gente entra], [a gente faz aposta, sabe, de passar tempo lá, etc., etc.]  
 (Bras80: Fazenda)
- (15) [o macarrão], [eu faço com bastante carne] (Bras80: Macarronada)

Quando um Move se constitui de mais de um Ato (cf. (14) e (15)), a relação entre os Atos pode ser de equipolência ou de dependência. A relação de equipolência acontece quando o Falante dá aos Atos discursivos envolvidos o mesmo estatuto comunicativo, como em (14), exemplo em que os dois atos são salientes em termos comunicativos, já que ambos atendem aos propósitos comunicativos do falante. Por outro lado, quando o Falante estabelece uma desigualdade entre o estatuto comunicativo de cada Ato, estabelece-se uma relação de dependência, tendo-se assim um Ato nuclear, que, nos termos de Kroon (1997), é o ato mais importante do ponto de vista das intenções e objetivos do falante, e um Ato subsidiário, ao qual, mantendo uma correlação temática com o ato nuclear, será atribuída uma função retórica (cf. (15)).

No exemplo (14), o Move de iniciação de L<sub>1</sub> provoca um Move de reação de L<sub>2</sub> que consiste de dois Atos, ambos com o mesmo contorno entoacional e com o mesmo estatuto comunicativo, o que configura uma relação de equipolência. Já em (15), o primeiro Ato (*o macarrão*) corresponde a um Ato subsidiário que carrega a função retórica de Orientação, já que está introduzindo um referente no discurso que é relevante para o desenvolvimento da conversação,<sup>5</sup> enquanto o segundo Ato (*eu faço com bastante carne*) é o nuclear, pois apresenta maior relevância dentro do Move, já que traz a informação ou a expressão essencial da intenção do falante.

## Atos Interativos no português falado

Adotando a taxonomia de Dik (1997b), o conjunto de expressões e/ou itens linguísticos que compõem o *slot* da Ilocução Interativa constitui-se de (i) **Formas de Monitoramento da Interação**, como as formas saudação, de despedida e de polidez e as expressões vocativas, e de (ii) **Formas de Execução do Discurso**, como os tradicionalmente denominados *marcadores discursivos orientadores da interação* (cf. RISSO et al., 2006) e os injuntivos. Nesta seção, serão analisadas tais expressões à luz do modelo teórico da GDF.

### Formas de monitoramento da interação

Segundo Dik (1997b, p. 384), constituintes extraordinárias de Monitoramento da Interação pertencem à criação e manutenção das condições interacionais que devem ser preenchidas para um evento de discurso ser implementado, ou seja, são estratégias usadas pelo Falante para conseguir a atenção do Destinatário, assegurando assim sua disposição para participar do evento discursivo. Pertencem a esse grupo (i) as fórmulas de saudação, de despedida e de polidez, (ii) os elementos vocativos e (iii) as respostas curtas (ou *feedbacks*).

### Fórmulas de saudação, de despedida e de polidez

De acordo com Dik (1997b), as fórmulas de saudação indicam que o Falante reconhece a presença do Destinatário e sinaliza sua disponibilidade para participar, junto com o

<sup>5</sup> As funções retóricas podem ser de Motivação, Concessão, Orientação, Esclarecimento e *Aside*.

Destinatário, de um evento discursivo. Gasparini-Bastos (2005, p. 105) acrescenta que “as fórmulas de despedida desempenham um papel essencial no fechamento da maioria dos tipos de eventos discursivos”. Por outro lado, as formas de polidez assinalam pedidos de desculpas, de agradecimentos, etc., e enfatizam, segundo Dik (1997b), a insignificância do Falante perante a importância do Destinatário.

Dentro do modelo teórico da GF, todos esses elementos são denominados de *Constituintes Extraoracionais* e classificados como responsáveis pelo monitoramento da interação, já que são eles que criam e mantêm as condições interacionais necessárias para a execução do evento discursivo (cf. GASPARINI-BASTOS, 2005, p. 105).

No exemplo (16), uma conversa telefônica que faz parte de uma das entrevistas que constituem o *corpus* adotado para a análise,<sup>6</sup> observamos a ocorrência de dois elementos de saudação: *boa-tarde* e *viva*.

- (16) L<sub>1</sub>: **boa tarde**.  
L<sub>1</sub>: **viva**, dona Conceição.  
L<sub>1</sub>: diga.  
L<sub>1</sub>: sim, sim. já chegou aqui, eu já dei parecer favorável. portanto, eh, vai agora para o pessoal, é provável que... amanhã ou no outro dia receba a resposta. mas pronto, não há problema, em relação à troca. (PT97:TrabalhoPosseTerra)

Para iniciar a conversação, L<sub>1</sub> utiliza-se de duas formas de saudação: *boa-tarde* é usado para indicar sua presença e iniciar a conversa, enquanto *viva* é produzido logo que o informante identifica quem é a outra pessoa envolvida. Assim, com *viva*, o informante sinaliza que reconhece tal pessoa, o que se nota pelo uso do vocativo *dona Conceição*, e demonstra sua disponibilidade para dar prosseguimento à conversa. Essa é uma forma encontrada na variedade portuguesa; no português brasileiro, geralmente utilizamos *Olá!* e *Oi!*.

Já (17) é uma transcrição de um programa de rádio em que participam uma ouvinte (L<sub>1</sub>), o apresentador (L<sub>2</sub>) e o então Ministro da Saúde (L<sub>1</sub>), todos de Moçambique.<sup>7</sup> Nesse exemplo, podemos perceber o uso do elemento de saudação *Bom-dia!* e de um elemento de polidez, *por favor*.

- (17) L<sub>1</sub>: está?  
L<sub>2</sub>: **bom dia**.  
L<sub>1</sub>: está sim?  
L<sub>2</sub>: estou sim, **bom dia**.  
L<sub>1</sub>: **bom dia**.  
L<sub>2</sub>: **por favor**, o seu nome?  
L<sub>2</sub>: está, **bom dia!**  
L<sub>1</sub>: **bom dia**.  
L<sub>1</sub>: Neli Elias.  
L<sub>2</sub>: senhora Neli Elias, já está a participar no programa, estamos a debater o projecto de lei da, da revisão da lei do trabalho. (Moç97: Maternidade)

<sup>6</sup> Nesse exemplo, como a chamada se dá no momento em que acontecia a entrevista, de forma a interrompê-la, gravaram-se somente os trechos produzidos pelo informante.

<sup>7</sup> Como na própria transcrição do *corpus* optou-se por não diferenciar a fala da ouvinte e do Ministro, somente destacando a voz do dirigente do programa, continuamos com a mesma forma de distinção para evitarmos cair em algum equívoco. Entretanto, tal fato não invalida as análises desenvolvidas.

Outro exemplo que se mostra interessante é o (18). Trata-se também de um trecho de uma conversa telefônica em que o informante (L<sub>1</sub>) produz vários enunciados, e um deles apresenta uma forma de polidez (de agradecimento) e duas formas de despedida. *Boa-tarde* nesse exemplo é entendido como uma forma de despedida e não como forma de saudação, pois a situação é de fechamento da conversa e não de abertura do canal interlocutivo.

- (18) L<sub>1</sub>: está muito bem.  
L<sub>1</sub>: não faz mal absolutamente nenhum. e pode preparar as suas coisas para essa data, as suas férias.  
L<sub>1</sub>: **muito obrigado então. boa tarde. adeus.** (PT97:TrabalhoPosseTerra)

Os exemplos (16), (17) e (18) mostram que as formas de saudação, de despedida e de polidez devem ser consideradas Atos Interativos, uma vez que (i) servem para o monitoramento da interação, conforme já observado em Dik (1997b); (ii) necessitam da presença do Destinatário, ao contrário do que acontece com os Atos Expressivos, que não são heterorrelacionados, já que apenas exteriorizam o sentimento do Falante, sem se direcionarem a um Destinatário; e (iii), ao promover uma saudação, uma despedida ou um tratamento polido, o Falante não só se dirige ao Destinatário, como também o interpela.

Em (16), o Ato Interativo *boa-tarde*, sozinho, constitui um Move de Iniciação, enquanto a sequência constituída do Ato Interativo *viva* e do Ato Interativo Vocativo *dona Conceição* é que constitui um Move de Iniciação.

Em (17), a saudação *Bom-dia*, enquanto Ato Interativo desacompanhado de qualquer outro elemento, constitui um Move, ou de Iniciação (no caso em que se tem saudações e, assim, incitações a uma reação) ou de Reação (quando se tem espécies de respostas a Moves de Iniciação). Já a saudação *bom-dia* e a forma de polidez *por favor*, acompanhadas de outros elementos, são Atos Interativos que, juntamente com os outros Atos, numa relação de equipolência, formam um Move. Nessa ocorrência, os Moves de L<sub>2</sub> [*estou sim, bom-dia*] e [*está, bom-dia*] consistem em Moves de Reação e, dessa forma, o Ato Interativo *bom-dia* tem a propriedade de finalizar o Move que integra.

O exemplo (18), por fim, apresenta três Atos Interativos encadeados, numa relação de equipolência, formando um único Move de Reação: uma forma de polidez (*muito obrigado*), e duas formas de despedida (*boa-tarde* e *adeus*).

Em resumo, como Atos Interativos, tais expressões (i) podem constituir sozinhas Moves, ou, (ii) junto a outros Atos, numa relação de equipolência, integrar um novo Move, situando-se no início ou no fim dele.

O último aspecto referente às formas de saudação, despedida e polidez, enquanto Atos Interativos, que merece atenção, é sua forte relação com o Componente Contextual do modelo de interação verbal. O Componente Contextual abriga informações provenientes da situação discursiva e, assim, atua na variabilidade de alguns Atos Interativos. Por exemplo, a escolha das formas de saudação *bom-dia*, *boa-tarde* e *boa-noite* dependerá, em português, do momento do dia em que ocorre a interação; por outro lado, a escolha entre um *Oi!* ou um *Bom-dia!* pode subordinar-se a questões de ordem sociais, ou melhor, ao grau de formalidade entre os interlocutores. Por fim, *obrigado* ou *obrigada* depende do gênero (sexo) do Falante, também uma informação contextual.

## Vocativos

Dik (1997b) classifica o vocativo como *Constituinte Extraoracional de Chamamento e de Enderaçamento*, pertencente ao monitoramento da interação, já que apresenta a função de interpelar o Destinatário. Hengeveld e Mackenzie (2008) o definem como uma classe especial de Atos Interativos, uma vez que, para sua realização, necessitam de um Falante, um Destinatário e uma Ilocução.

Para a GDF, tal classe, quando usada no início de um segmento discursivo, serve para ganhar a atenção do Destinatário e, quando usada no curso do discurso, assinala a contínua orientação por parte do Falante em relação ao Destinatário (cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 81). Há dois subtipos de Atos Interativos Vocativos: o Interpelativo e o Designativo, exemplificados respectivamente em (19) com a partícula *ó* e (20), com *senhora Maria*.

(19) L<sub>1</sub>: nunca! nem quando eu era ca[...], mocinha, garota, nunca tive ciúmes, não. porque não, não dá, sabe, **ó** Maria Lúcia, você habitua mesmo, você não te[...], acho que você no final, você mesmo que seja uma criatura ciumenta você, no final, você acaba se acomodando no, deixando de ser ciumenta, entendeu, (Bras80: NadaCiumenta)

(20) L<sub>1</sub>: pois é. Então como é que se fazia o pão, **senhora Maria**?  
L<sub>2</sub>: ora fazia-se o pão; quando era de trigo da terra, peneirava-se a farinha duas vezes e ao depois é que se deitava dentro da vasilha. (PT94: AmassarCozer)

Os elementos negritados em (19) acima e em (21) abaixo são chamados por Guerra (2007) de MDs Interpelativos. Estando no início do segmento discursivo (Move), apresentam a função de interpelar o Destinatário. Tal aspecto interativo e essa forte orientação ao Destinatário, que os diferencia dos Atos iniciadores de Move, é reforçada pela presença de vocativos, elementos de chamamento.

(21) L<sub>1</sub>: aquelas coisas de pau que se assentá[...], que, onde assentam na, as linhas, eu, a[...], eu acartei muito disso. à noite, quando foi à ceia, digo assim “**ó** tio Afonso, carambas, hoje, hoje é que vi uma cabra, tão linda, lá em cima, no, no atalho do cemitério de Vilela”. (PT95:Bruxedos)

Já os Atos Interativos Vocativos Designativos ocorrem tanto no início (cf. (22)), como inseridos (cf. (23)) ou finalizando um Move (cf. (24)). Como explicitado acima, além da função de ganhar a atenção do Destinatário, esse Ato assinala a contínua orientação em direção ao Destinatário, caracterizando-o, como mostram claramente os exemplos.

(22) L<sub>1</sub>: *ó, ó* **Zizi** dá-me aí o prato pequeno, faz favor, olha... (CV95: ColherPanela)

(23) L<sub>1</sub>: certo! hum, hum. e escuta, **dona Nadir**, depois que o, que ma[...], daqui a alguns anos e tal, quando todos os filhos da senhora já estiverem casados e tal, a senhora, a senhora e o marido pretendem fazer o quê? (Bras80: ViverComOutros)

(24) L<sub>1</sub>: aí dá en[...], para entender mais o jeitão do mineiro, não é,  
L<sub>2</sub>: o que é que você acha que é o jeitão do mineiro, **Heloiza**? (Bras80: Arte Urbana)

## Respostas Curtas (ou *feedbacks*)

*Respostas curtas* também pertencem ao Monitoramento da Interação (DIK, 1997b, p. 385), uma vez que sinalizam a concordância, ou sugerem que o que é dito está

sendo recebido pelo Destinatário. São denominadas por Urbano (2006) de *feedbacks*, e definidas como “partículas retroalimentadoras” que, produzidas ao longo da interação pelos enunciadores, sinalizam o acompanhamento do desenrolar discursivo, isto é, ao produzir um *feedback*, o enunciador sinaliza ao outro enunciador que está acompanhando o desenvolvimento do discurso e, ao mesmo tempo, o incentiva a continuar, conforme se observa em (25), (26) e (27).

- (25) - conta para gente como você faz a sua carne assada. dá a receita para mim.  
- ah! eu to[...], eu faço só de patinho.  
- **sei.**  
- eu compro um peso bom de patinho, redondo, não é,  
- **hum, hum.**  
- e ali eu meto o facão assim por dentro, boto um, pego um paio e coloco assim por dentro, do outro lado eu boto um pedaço de toucinho fumeiro  
- **hum, hum.**  
- aí, ponho para o fogo para assar, com bastante óleo, não é,  
- **sim.**  
- bo[...], ah, diminui o fogo, não boto nem um pinguinho de água. (Bras80: A Macarronada)
- (26) - mas não acha que agora dá mais apoio, se calhar, que os irmãos, não?  
-> sim! agora está aqui  
- **ah!**  
-> na, mora aqui pegado mesmo  
- hum, hum. (PT95: JuventudeOntemHoje)
- (27) L<sub>1</sub>: é como as cartolas  
L<sub>2</sub>: **pois.**  
L<sub>1</sub>: eram mais...  
L<sub>2</sub>: já estou a ver como é que é. com arcos de ferro e tudo. (PT94: AmassarCozer)

Atuando como heteromonitores, tais expressões constituem

o único conjunto de marcadores que é produzido pelo ouvinte, o qual, ao produzi-los desacompanhados de qualquer sequência, não só retroalimenta a própria produção do falante, como também o mantém no seu papel conversacional de falante, consequentemente mantendo-se como ouvinte. (URBANO, 1999, p. 228)

Dessa forma, tais elementos desempenham, em relação ao todo da interação, uma função fática, o que caracteriza seu valor não lexical, dado o seu “esvaziamento semântico”. Os exemplos mostram que essas expressões apresentam uma Ilocução Interativa (a função fática), e ocorrem na presença de um Falante e um Destinatário, devendo, por isso, serem consideradas Atos Interativos.

Esses atos constituem o que se denomina na GDF Moves de Reação, já que ocorrem sozinhos no turno de um dos interlocutores, com a única função de incentivar a continuidade do discurso, e não se constituem como uma tentativa por parte do Destinatário de obter o turno (cf. DIK, 1997b, p. 386).

## Formas de execução do discurso

Além das formas de Monitoramento da Interação, Dik (1997b, p. 384 e 405) chama a atenção para Constituintes Extraoracionais relacionados à Execução do discurso, que

desempenham um papel na expressão do conteúdo discursivo. São assim classificados (i) os *tags*, aos quais, seguindo Guerra (2007), acrescentamos (ii) os injuntivos.

### Os *tags*

Os *tags* são denominados por Guerra (2007) de *checkings* e, por Urbano (2006), de partículas de Busca de Aprovação Discursiva (BAD). Segundo Urbano (2006), esses itens (i) expressam uma nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, por meio da busca de uma aprovação discursiva, (ii) ocorrem em final de unidade comunicativa ou em final de turno, (iii) apresentam independência sintática, (iv) são prosodicamente autônomos, (v) apresentam esvaziamento morfossintático e semântico e (vi) sua função básica é de busca de aprovação discursiva do falante, uma espécie de automonitoramento de sua fala. Para Urbano (2006), trata-se de Marcadores Discursivos basicamente interacionais, conforme se observa em (28), (29), (30), (31), (32) e (33).

- (28) L<sub>1</sub>: sei.  
L<sub>2</sub>: não come menos que dois, três, o garoto  
L<sub>1</sub>: poxa, é muito ovo, **heim?** (Bras80: A Macarronada)
- (29) - a casa fica assim no centro do terreno?  
- fica no centro dum terreno alto. quer dizer, ela de cima, ela fica, ela pode ver todo o resto da fazenda, **certo?** (Bra80:Fazenda)
- (30) - então eu acho que numa terapia que, o que... segue Freud, né, a linha psicanalítica, talvez eu pudesse até descobrir, não é, algum problema [...], alguma coisa, **entendeu?**, (Bra95:MuitoIguaisDiferentes)
- (31) então, tanto é que eles adoptam muito, tem leis que eles, tem caso de lei que a gente teve que estudar a lei mas que não vale mais porque o costume não aceitava a lei, **sabe?**, (Bras80: MundoDireito)
- (32) - só! Só café! às vezes o outro, o caçula é que fala “pai, vamos fritar” quando eu não estou aí, que eu saio às vezes lá fora, **né?**, (Bras80: A Macarronada)
- (33) -> eh, não chega ao campo. e, por outro lado, é que as pessoas vêm para a cidade um bocado para procurar isso, e uma melhor qualidade de vida, porque de facto está na cidade, **não é?**, (PT95: GrandesCidades)

Essas expressões compartilham a propriedade de constituírem perguntas retóricas: como não pressupõem uma resposta do interlocutor em termos de conteúdo semântico, constituem, na verdade, uma solicitação do falante para que o interlocutor lhe dê aprovação para continuar seu discurso.<sup>8</sup>

Observando os exemplos acima, nota-se que, buscando aprovação discursiva, esses elementos preenchem as posições de Falante, Destinatário e apresentam uma Ilocução interativa, o que os caracteriza como Atos Interativos. E, estando ligados a um evento discursivo maior, são Atos Interativos que se posicionam depois do Ato para o qual busca a aprovação discursiva, numa relação de equipolência.

<sup>8</sup> Vale ressaltar que há uma diferença entre o Português Brasileiro e o Português Europeu, Africano e do Timor-Leste quanto ao comportamento de *né?*: no primeiro, o item desgastou-se foneticamente mais do que nos outros, que ainda proferem “não é?” em vez de “né?”.

## Os Injuntivos

Além dos *checkings*, Guerra (2007) inclui entre os MDs alguns elementos que denomina **injuntivos**. Segundo a autora, são partículas que, por guardarem formas de uma força ilocucionária imperativa e, assim, definirem-se pela forte presença de uma injunção, envolvem claramente o Falante e o Destinatário num canal comunicativo, conforme se observa em (34) a (37).

- (34) - então, ela dizendo para mim. eu digo “**olha**, vou lhe explicar, dona Severina: seus sobrinho vão daqui para lá. quando a pessoa está no Rio, manda chamar e acolhe a, tal. mas o rapaz sai daqui para lá para procurar emprego, não encontra, é do ambiente que ele vive. eu sei o que é. eu sei o” (Bras80: Bichinho)
- (35) - sabe, eu brinco de lutar com meu, com meu filho, caramba! meu pai nunca me permitiu. agora, ah, sabe, eh, sei lá! Essa geração de hoje em dia está meio estranha. muito, mesmo. depois, então, que apareceu essa série de, de troços aí. **olha**, eu sempre gostei de uma coisa, de duas coisas, desde que eu, q[...], que eu me conheço. eu com... dez anos de idade, eu conheci um cigarro, comecei a fumar de brincadeira, não sei o quê, estou aí até hoje, com trinta e dois anos eu fumo. (Bras80: CriarFilhos)
- (36) - e na sua opinião, como é que isto vai evoluir para o futuro?  
-> eu, eu não sei. **olhe** que, preocupa-me muito isto. porque daqui, mas também digo: as telenovelas brasileiras têm tido grande influência nisto. eu acho que, ou, eu não sei, o senhor doutor não se perde com as telenovelas mas, nós agora, entretemo-nos. eu vejo que não há rapariguinha nenhuma de treze, catorze anos que sim, que seja enfim uma, uma, uma rapariguinha s[...], s[...], s[...], direita, séria. e estão mortinhas por, por conhecer toda a vida etc, etc. ora isto, as de cá também vêem isto. (PT95: JuventudeOntemHoje)
- (37) - agora, eu acho que, **veja**, eu estava vendo um, um artigo sobre as múltiplas delegacias que existem actualmente, certo, ah, então, aí eu estava era, eu mesmo não conhecia essas de[...], delegacias, e qual era a real função de cada uma delas, né, não sabia. Elas existem, estão aí. então, sabe, eu acho que a coisa começa aí. (Bras87: EconomiaSociedade)

Com esses elementos, o Falante chama a atenção de seu Destinatário para o novo Move que irá iniciar; tem-se, então, uma espécie de sinalização, por parte do Falante para o Destinatário, de que um novo Move será aberto, para dar continuidade ao discurso e à interação. Junto a tudo isso, o Falante envolve o Destinatário numa injunção, para garantir que este acompanhe o avanço discursivo. Como se pode ver, tais estruturas linguísticas definem-se claramente como Atos Interativos que, situados no início do Move, estabelecem uma relação de equipolência com o Ato de conteúdo que os segue.

## Considerações finais

Como se vê, os constituintes extraoracionais de monitoramento da interação e de execução do discurso propostos por Dik na GF são reanalisados na GDF como Atos Interativos. Em português, esses Atos Interativos abrigam elementos de classes variadas que, entretanto, apresentam uma propriedade fundamental em comum: o aspecto puramente interacional, ou seja, envolvem apenas a relação Falante/Destinatário.

Os Atos Interativos, por se relacionarem especificamente à interação, são gerados no Nível Interpessoal. Como não apresentam um Conteúdo Comunicado, não têm representação no Nível Representacional. Pelo fato de serem formas invariáveis, não

passam pelo Nível Morfossintático, sendo enviados do Nível Interpessoal diretamente para o Nível Fonológico, onde recebem propriedades fonéticas, fonológicas e prosódicas para a sua articulação. Sua posição no Move é determinada pela função interacional que desempenham.

Além disso, esses Atos podem, sozinhos, constituir Moves (como algumas saudações e os *feedbacks*) ou, numa relação de equipolência com outros Atos, integrar o Move, como os Injuntivos, que se colocam na primeira posição, como Ato inicial de um novo Move, os *checkings*, que se posicionam depois de um Ato, e os Vocativos, que podem ocorrer antes, no meio ou no fim de outro Ato.

Os Vocativos Interpelativos apenas chamam a atenção do Destinatário e, por isso, ocorrem antes do Ato Comunicativo. Os Designativos, por outro lado, além de chamar a atenção do Destinatário, ainda o caracterizam, atribuindo-lhe uma propriedade. Nesse caso podem ocorrer tanto no início, quanto no meio ou final do Move.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part I: the structure of the clause. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

\_\_\_\_\_. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FONTES, M. G. As interjeições como Atos expressivos: uma análise das variedades lusófonas à luz da Gramática Discursivo-Funcional. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, n. 7, p. 97-114, 2010. Disponível em: <http://dominiosdelinguagem.org.br/dominios/>. Acesso em: 30 nov. 2010.

GASPARINI-BASTOS, S. D. Os constituintes extrafrasais na gramática funcional de Simon Dik. *Alfa – Revista de Linguística*, São Paulo, v. 49, n. 01, p. 103-121, 2005.

GUERRA, A. R. *Funções Textual-Interativas dos Marcadores Discursivos*. 2007. 233p. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

HENGEVELD, K. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, N. de los A. (Eds.). *A new architecture for Functional Grammar*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2004. p. 01-21.

\_\_\_\_\_; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2007.

KROON, C. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONOLLY, J. H.; VISMANS, R. M.; BUTLER, C. S.; GATWARD, R. A. (Orgs.) *Discourse and pragmatics in Functional Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997. p. 17-32.

MACKENZIE, J. L. The basis of syntax in holophrase. In: HANNAY, M.; BOLKES-TEIN, A. M. (Orgs.) *Functional Grammar and verbal interaction*. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins Publishing Company, 1998. p. 267-295.

RISSO, M. S. et al. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: KOCH, I. G. V.; JUBRAN, C. C. S. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 403-426.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado 7: novos estudos*. São Paulo: Humanitas; Campinas: UNICAMP, 1999. p. 195-258.

\_\_\_\_\_. Aspectos basicamente interacionais. In: KOCH, I. G. V.; JUBRAN, C. C. S. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. V. 1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 497-528.